

ESTRANGEIROS NO MUNDO

Vilém Flusser

Nasci em Praga e meus antepassados parecem ter habitado a Cidade Dourada por mais de mil anos. Sou judeu e a sentença "o ano vindouro em Jerusalém" acompanhou toda a minha mocidade. Embora minha passagem por Londres em 1940 tenha sido curta, ocorreu em época de vida na qual a mente se forma de modo definitivo. Engajei-me, durante a maior parte da minha vida, na tentativa de sintetizar cultura brasileira a partir de culturas ocidentais, levantinas, africanas, indígenas e extremo-orientais, e isto continua a fascinar-me. Atualmente em Robion, sul da França, estou me integrando no tecido de aldeia provençal, cujas origens se perdem na bruma do passado. Sinto-me abrigado por, pelo menos, quatro línguas, e isto se reflete no meu trabalho: traduzo e retraduzo constantemente. Eis uma das razões pelas quais me interessei pelos fenômenos da comunicação humana. Reflito sobre os abismos que separam os homens e as pontes que atravessam tais abismos, porque flutuo, eu próprio, por cima deles. De modo que a transcendência

Harvard não devem merecer a nossa compaixão, mas são modelos a serem seguidos, porque migrar é situação criativa. Uma cultura nômade está raiando e nós, que dela participamos, devemos assumir a responsabilidade.

Migrar é situação criativa, mas dolorosa. Toda uma literatura trata da relação entre criatividade e sofrimento. Quem abandona a pátria, por necessidade ou opção, sofre, porque os mil fios que o ligam à pátria são amputados, como numa intervenção cirúrgica. Quando tomei a decisão corajosa de fugir de Praga, vivenciei o colapso do universo: é que confundi o meu íntimo com o espaço lá fora. Sofri as dores dos fios amputados. Mas na Londres dos primeiros anos da guerra — e com a premonição do horror dos campos — comecei a me dar conta de que tais dores não eram cirúrgicas, mas de parto. Dei-me conta de

ção e glorificação das camadas feitas que se ancoram em determinado lugar geográfico — aceita e glorifica preconceitos. Mas quem corta o patriotismo como um nó górdio, e quem o faz por auto-análise e auto-crítica, verificará o quanto os fios patrióticos o limitam. No primeiro instante, verifica que todas as pátrias se equivalem: todas limitam: e no segundo, verifica que, ao cortar o mistério infraconsciente da pátria, abre-se para mistério mais alto e mais profundo: o da existência com os outros face ao Outro. Cortar os nós górdios dos patriotismos escondidos no inconsciente é tarefa que se aprende. Ao ter eu cortado Praga, os meus intestinos se revolviavam; ao ter cortado São Paulo, sofri na carne; mas se um dia cortar Robion, será como tomar o carro, carregá-lo de livros e seguir alhures.

Mas este virtuosismo progressivo do antipatriotismo não é necessariamente louvável: há nele ambigüidade, porque os fios que vou cortando com mestria crescente não são todos negativos. Há fios que prendem a coisas e fios que prendem a pessoas. A distinção é relevante. Os fios que prendem a coisas (como paisagem, clima, alimentação, casas) são inteiramente nefastos, porque sacralizam as coi-



**São incontáveis os
que, por necessidade
ou opção, cortam os
laços com a pátria
em busca de novos
horizontes.
Migrantes de uma
nova espécie,
vivem situação
dolorosa mas criativa**

sas, passo a amá-las. Tal confusão ontológica entre algo e alguém é precisamente o que os filósofos gregos combatiam na magia, e os profetas, ao combater o paganismo. Os fios que me prendem à pátria enquanto coisa e aos símbolos que a representam são, pois, indignos.

Quanto aos fios que prendem a pessoas, tenho duas experiências opostas: todas as pessoas às quais fui ligado em Praga morreram. Todas. Os judeus nos campos, os tchecos na Resistência, os alemães em Stalingrado. As pessoas às quais fui e continuo ligado em São Paulo continuam vivas em sua maioria. Embora Praga tenha sido mais "misteriosa" que São Paulo, o nó górdio cortado foi macabramente mais fácil, porque não é nem existencial nem moralmente admissível que tais fios sejam cortados.

Aprendi o seguinte: ao nascer, fui jogado em tecido que me prendeu a pessoas. Não escolhi tal tecido. Ao viver, e sobretudo ao migrar, tecei, eu próprio, fios que me prendem a pessoas, e o fiz em colaboração com elas. "Criei" amores e amizades, ódios e antagonismos, — e é por tais fios que sou responsável. O patriotismo é nefasto porque assume e glorifica os fios impostos, menosprezando os fios criados. Eis o que importa: não sou responsável por meus laços de "solo e sangue"

ou de vizinhança, mas por meus amigos e pela mulher que amo.

Ser nômade é ser livre — não por ter cortado os fios intersubjetivos, mas por poder criá-los. Não "livre do quê", mas "livre para quê". A coisa é mais complexa. Os fios criados se assentam sobre os fios impostos: se não amei minha mãe, como amar a mulher amada? Aprendi que, para poder criar fios intersubjetivos, é preciso assumir os fios impostos. Não devo reprimir minha condição de praguense, de judeu, de alemão, de anglo-saxão, de paulistano, de robionense, mas devo assumi-la para poder negá-la e elevá-la ao nível das minhas relações intersubjetivas. Devo poder oferecer aos meus outros tais condições, a fim de ser por eles alterado e a fim de poder alterá-los. Tarefa difícil — e a ser empreendida sempre de novo. Eis a razão pela qual não posso ser sionista.

Ser livre não é pairar irresponsavelmente por cima da cena, mas assumir a responsabilidade pelos outros aos quais me liguei. Mas tal responsabilidade não deve ser confundida com Cosmopolitismo, Humanismo, Filantropia. Meus outros não são todos os membros da espécie humana: não sou responsável por mil milhões de chineses, mas por meus "próximos", aos quais me sinto ligado. O patriotismo o ignora, mas Platão e o judeu-cristianismo o sabem: Platão diz que somos estrangeiros no mundo e que nossa pátria é o reino das Ideias. Em tal reino é que são tecidos os fios que me ligam aos outros. O judeu-cristianismo diz que fomos expulsos da nossa pátria divina para o mundo. Os outros, aos quais me ligo, são imagens do Outro. Mistério mais profundo que o da pátria geográfica é o que cerca o outro. A pátria do apátrida é o outro. ●

Creio ser importante distinguirmos entre "pátria" (Heimat, pays, domov) e "morada" (wohnung, habitation, byt) embora a língua inglesa (home) não faça a diferença. O homem é animal que habita, mora, mas não é animal patriota. Tornou-se sedentário apenas com a revolução neolítica. A pátria, a sedentariedade, é condicionante da pecuária e agricultura (e do seu avatar, a indústria) e a época pós-industrial está minando as bases socio-econômicas da sedentariedade. Se considerarmos a relativa brevidade da época patriótica — 10 mil anos, momento fugaz na duração da existência humana —, captaremos melhor o fenômeno migratório da atualidade. Este se apresentará enquanto um emergir penoso, a partir das limitações geográficas, rumo a um futuro extrageográfico: *Hinc sunt leones*.

Nós, os incontáveis milhões de migrantes (refugiados, flagelados, operários estrangeiros e intelectuais que migram de seminário em seminário) não somos nem marginais nem refugio, mas, certamente, a vanguarda da humanidade: Os vietnamitas na Califórnia, os turcos na Alemanha, os palestinos nos emirados, os nordestinos em São Paulo, os cientistas poloneses em

Vilém Flusser é professor na Universidade de Marseille e autor de *Língua e Realidade* e de *A História do Diabo*, entre outros.



Como os "Eternos Caminhantes", de Segall, acima, os migrantes não conhecem pátria nem lar

que os fios cortados me tinham alimentado e que me projetavam para a liberdade. Fui tomado pela vertigem da liberdade, a qual se manifesta pela inversão da pergunta "livre de quê" para "livre para quê". E assim somos todos os migrantes: seres tomados de vertigem.

Os fios que prendem à pátria são misteriosos. São fibras que vão além do nível da consciência adulta para penetrarem camadas infantis, fetais, trans-individuais, e talvez, trans-humanas. Tais fios inarticuláveis, quando analisados, revelam sua banalidade. Toda vez que como o prato-tcheco "svickova" (carne com molhõ de nata) sou tomado pelo mistério que os termos "heimweh", "nostalgie", "saude" pretendem. O abandono da pátria permite tal análise, mas não acaba com o mistério dos fios. Isto porque o lugar no qual se assentam os fios é o lugar de todos os preconceitos (conceitos infraconscientes) e os preconceitos são dificilmente erradicáveis.

O patriotismo — esta aceita-

